

O USO DE DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA

Djane Fernandes Batista
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Brasil

Jefferson Veras Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Brasil

RESUMO

Visa apresentar o ponto de vista de professores e alunos acerca do uso dos documentários como ferramenta didática no processo ensino-aprendizagem nas disciplinas de Cultura e Mídia; Informação e Sociedade; e Teorias da Informação e da Comunicação do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Aborda o nascimento do cinema, correlacionando-o à história mundial e a aspectos sociais e culturais da sociedade. Apresenta o surgimento dos gêneros cinematográficos a partir das expressões culturais e vanguardas europeias, relacionando-as com o desenvolvimento da linguagem cinematográfica. Relaciona o cinema, mais especificamente o gênero documentário, com a educação. Conceitua gênero documentário e apresenta os novos tipos de documentários que estão sendo desenvolvidos a partir das novas tecnologias e da internet. Quanto à metodologia, recorre à pesquisa descritiva de cunho qualitativo que, através da análise de conteúdo aplicada em dados coletados por meio da aplicação de questionários aos alunos e realização de entrevista com professores das disciplinas mencionadas, constatando que tanto professores como alunos avaliam os documentários como uma ferramenta proveitosa ao processo ensino-aprendizagem e que, embora precise de alguns ajustes, são dotadas de resultados positivos quando aliadas aos textos e debates em sala de aula.

Palavras-Chave: Cinema-Gênero Documentário; Processo Ensino-Aprendizagem; Documentário como Ferramenta Educacional; Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação; Metodologia de Ensino.

THE USE OF DOCUMENTARIES AS A TOOL IN LIBRARIANSHIP EDUCATION

ABSTRACT

It aims to present the point of view of teachers and students about the use of documentaries as a tool in the teaching-learning process in the disciplines of Culture and Media; Information and Society; and Information and Communication Theory in Librarianship Course of Federal University of Ceará. It addresses the birth of cinema, correlating it with World History and with social and cultural aspects of society. It presents the emergence of cinematographic genres from European cultural expressions and vanguards, relating them to the development of cinematographic language. It relates cinema, more specifically the documentary genre, to education. Conceptualizes documentary genre and presents the new types of documentaries that are being developed from the new technologies and the internet. As for the methodology, it is a qualitative descriptive research that, through the analysis of applied content in data collected through the application of questionnaires to the students and the accomplishment of an interview with teachers of the mentioned disciplines, found that both teachers and

students believe that documentaries are a good tool in the teaching-learning process and that, although it needs some adjustments, bring a good result when combined with texts and debates in the classroom.

Keywords: Cinema-Documentary Genre; Teaching-Learning Process; Documentary as an Educational Tool; Teaching of Librarianship and Information Science; Teaching Methodology.

1 INTRODUÇÃO

O processo de transmissão e aquisição de conhecimento tem sido objeto de estudos e pesquisas ao longo dos anos, nas mais variadas áreas. Muitas das investigações relacionadas à temática procuram identificar como ocorrem a apresentação e a apropriação de conteúdos por parte de professores e alunos. Como desdobramentos, novos paradigmas têm surgido voltados à busca de diferentes metodologias que possam auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Um desses paradigmas diz respeito, de um lado, ao papel ativo do aluno no tocante à construção de conhecimentos; e, do outro, à missão do professor, que deixa de ser o detentor do monopólio do saber para atuar como mediador entre os diversos saberes que vêm à tona no espaço da sala de aula.

Nesse sentido, o propósito deste artigo é compreender como alunos e professores avaliam o uso dos documentários nas disciplinas que participam. Para tanto, elegemos três disciplinas da Unidade Curricular I do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, a saber: Teorias da Informação e da Comunicação; Cultura e Mídia; e, Informação e Sociedade. Para tanto, propomos três objetivos específicos: a) identificar as contribuições do uso de documentários em sala de aula no processo ensino-aprendizagem; b) analisar a percepção de professores e alunos no tocante ao uso de documentários como ferramenta didática; e, c) apontar as

vantagens e desvantagens do uso dos documentários.

Utilizamos como método a abordagem qualitativa, a partir da qual adotamos o uso de questionários como instrumento para a coleta de dados dos alunos, além da realização de entrevistas com os professores responsáveis pelas disciplinas mencionadas acima. Depois de coletados os dados, na etapa de análise das respostas, recorreremos, ainda, à Análise de Conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977).

2 BREVE HISTÓRICO DO CINEMA

Em seu início, o cinema não tinha uma linguagem definida, ao contrário, mesclavam-se outras formas de representação da realidade e das artes para criar uma forma de comunicação. Segundo Costa (2006, p.22), “[...] por estar misturado a outras formas de cultura, como o teatro, a lanterna mágica, o vaudeville e as atrações de feira, o cinema se encontraria num estágio preliminar de linguagem”. As imagens eram em preto e branco e o filme era mudo, por isso entre uma cena e outra era apresentado na tela um pequeno texto explicativo para situar o expectador. Com o tempo, um código linguístico foi sendo desenvolvido para o cinema, recorrendo-se a técnicas de filmagens e de cenas que denotavam uma maneira particular de comunicar ao público.

No chamado período entre guerras, o cinema sofreu várias mudanças, tanto de ordem tecnológica, como ideológica, passando também a ser influenciado por outras formas de expressões artísticas, tais como a literatura, a pintura e o teatro, absorvendo algumas de suas características. Exemplo disso é o Expressionismo desenvolvido na República de Weimar, na Alemanha, entre os anos de 1919 e 1933. Este movimento foi reflexo da situação econômica, política e social vivida na Alemanha na segunda metade do Século XIX, que se refletiu, principalmente, nos aspectos culturais causados pela pequena, porém, influente, classe burguesa intelectual da época.

Era o início do modernismo alemão, representado pela filosofia de Nietzsche, pela 'dramaturgia do ego' de August Strindberg, pela música atonal de Arnold Schönberg, pela descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, pelas pesquisas de Max Planck e Albert Einstein sobre a mecânica quântica e por várias outras novidades, entre elas um movimento radical nas artes plásticas e na poesia, que mais tarde ficaria conhecido como Expressionismo (CÁNEPA, 2006, p.57).

No cinema, o expressionismo alemão surpreendeu o mundo com temas ligados à loucura, ao fantástico e ao sombrio. Um exemplo de filme que retrata esse período é *O gabinete do Dr. Caligari*, no qual o enredo trata de loucura e morte, com personagens que vivem fora da realidade e demonstram sentimentos sombrios e repletos de simbologias associadas ao terror (CÁNEPA, 2006).

Além da Alemanha, países como França, Rússia e Itália também se destacaram na produção cinematográfica, sendo também influenciados por expressões de outras artes e por movimentos socioculturais, políticos e econômicos.

Na França, o movimento impressionista teve um forte apelo estético e, por esse motivo, foi duramente criticado. Tal estilo cinematográfico abusava dos efeitos produzidos pela câmera, da duração dos planos e enquadramento. Nas cenas, a atenção era dividida entre as personagens e os elementos do cenário, por isso, algumas críticas o taxavam de pomposo e rebuscado, colocando-o à beira do escárnio (MARTINS, 2006).

Na Rússia, entre 1917 e 1920, as repúblicas socialistas soviéticas entraram numa guerra civil. No Exército Vermelho encontravam-se os futuros protagonistas do cinema: Sergei Eisenstein, Lev Kulechov, Dziga Vertov e Eduard Tissé. Com a guerra, o cinema russo passou por uma série de mudanças significativas desde sua

estrutura até a produção. Como nos afirma Saraiva (2006, p.109),

O sistema de estúdios anterior à revolução foi destruído. Seus donos e grande parte dos técnicos qualificados fugiram do país. O Estado teve de reinventar a atividade cinematográfica, comprar equipamentos e reorganizar produção, distribuição e exibição. Essa total estatização do cinema teve duas faces. Por um lado, possibilitou uma radical reinvenção da atividade cinematográfica, como talvez em nenhum outro momento da história. Por outro, os caminhos dessa nova era ficaram à mercê das disputas políticas. Tal como a revolução, o cinema conheceu uma fase de explosão criativa e um posterior fechamento de horizontes.

Nesse contexto, o cinema constituiu-se como uma forma de resistência e denúncia. Os filmes eram criados a partir da montagem de outras imagens. Podemos encontrar em Saraiva (2006) um exemplo disso ao fazer a síntese de *'A greve'* (1925), destacando em seu enredo a denúncia ao momento de crise vivido no país.

O tema da formação da unidade proletária, bem como os riscos de sua dissolução serão tratados em *A greve* tanto no conteúdo narrativo quanto na forma plástica e rítmica. A história narrada divide-se em seis blocos: agitação, estopim para greve, fábrica parada, inatividade e miséria dos grevistas, provocação dos infiltrados e repressão violenta. Começa-se pela apresentação da situação de trabalho, com a oposição entre escritórios e chão de fábrica. O estopim é a acusação injusta de roubo de uma ferramenta, feita a um operário, que, desesperado, suicida-se. Seguem-se o espetáculo da inatividade das máquinas e da burocracia, a alegria cotidiana dos operários libertos do fardo do trabalho, a solidão inútil do capitalista e a mobilização do aparato de

repressão. O quarto bloco mostra a dura situação dos grevistas quando o movimento se prolonga: a irritação, o fantasma da fome, as brigas familiares. Os patrões mobilizam o lumpesinato para infiltrar-se no movimento, provocar tumulto e possibilitar a repressão, que resulta num massacre impiedoso da massa operária (SARAIVA, 2006, p.121).

O trecho acima deixa clara a situação difícil de um país devastado pela guerra, fato que se reflete nas relações de trabalho e na situação do operário diante da opressão e da falta de opção para reivindicar melhores condições de vida. Além da Rússia, o cinema também assume a função de denúncia na Itália do pós-guerra quando o Partido Comunista Italiano se encarregava da tarefa de reconstruir a Itália, na ambição de reerguê-la moralmente, período denominado de Neorealismo.

As produções italianas dessa época tiveram a censura como entrave, especialmente por parte da igreja católica que a utilizava “[...] como instrumento de pressão política sobre os meios de comunicação, principalmente sobre o setor cinematográfico” (FABRIS, 2006, p.192). Ligada às distribuidoras, a igreja liberava as produções norte-americanas, boicotando as produções italianas, uma vez que o Centro Católico Cinematográfico somente permitia aqueles filmes que, em seu juízo, podiam ser assistidos por todos, requisito que não se encaixava em nenhuma produção neorrealista, pois estas eram tachadas de amorais e de terem vínculos com o comunismo.

Como podemos perceber, durante o período de guerras, o cinema sofreu diretamente com as pressões e movimentos políticos, sociais, econômicos e culturais. Nos dias atuais, o cinema continua a enfrentar grandes mudanças, contudo, estas se devem especialmente aos novos aparatos tecnológicos. Assim, o cinema da atualidade precisa reinventar-se a cada minuto, como admite Andrea França (2006), em *Cinema de Terras e Fronteiras*.

Segundo a autora,

Hoje, não basta dar visibilidade a um povo ou a uma cultura em luta pela sobrevivência. O cinema, a televisão, a publicidade, os jornais não param de produzir e nos oferecer imagens de esquecidos, desamparados, caricaturados, qualificando-as como reais. A experiência de desterritorialização, da migração brutal dos últimos anos, a circulação acelerada de imagens do mundo pelo mundo torna ineficaz a visibilidade pura e simples do outro. É necessário inventar, também através do cinema e das imagens, novas terras, novas nações, novas comunidades ali onde elas ainda nem sequer existem. Essas novas terras não são geográficas, bem entendido, são territórios afetivos, sensíveis, novos mapas de pertencimento e afiliação translocais (FRANÇA, 2006, p.328).

Nesse texto, França (2006) faz uma análise do cinema produzido nos países da Península Balcânica, tais como Albânia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Grécia, República da Macedónia, Montenegro e Sérvia, assim como de filmes realizados na China, Irã e Brasil, analisando algumas de suas características. Ao abordar o cinema produzido no Brasil, a autora destaca que “[...] surge uma diversidade de propostas temáticas, estéticas e culturais que comprova a amplitude da produção cinematográfica nacional” (FRANÇA, 2006, p.409). Nos filmes brasileiros, vale destacar o interesse em se abordar uma diversidade de assuntos que dizem respeito à realidade de diferentes classes sociais, com temas que geram identificação nas camadas pobres, médias e altas da população.

O cinema, portanto, tem a capacidade de promover uma série de leituras sobre o mundo. É possível, através de seu estudo, realizar um levantamento histórico, social, econômico, político, psicológico e cultural de um país.

2.1 Cinema na Educação

O cinema possui uma rica variedade de gêneros, que podem ser identificados também através dos assuntos que abordam. Em linhas gerais, conforme menciona Napolitano (2010, p.61), “[...] o gênero influencia na receptividade da obra, pois sugere ao espectador como o filme deve ser visto, qual a dinâmica principal da fábula, o que deve ou não deve acontecer com as personagens e as situações dramáticas”. Ainda segundo o autor, os gêneros ficcionais podem ser divididos em quatro, sendo denominados também como meta-gêneros, tais como o Drama, a Comédia, a Aventura e o Suspense. Tais gêneros podem sofrer modificações, vindo a ser mesclados ou subdivididos em outros mais específicos, como, por exemplo, o Western, a Ficção Científica ou o Drama romântico, dentre outros.

Para uso em sala de aula, os filmes podem ser analisados de diferentes formas a depender da disciplina ou dos assuntos que o professor deseja trazer à baila. Napolitano (2010) divide o estudo dos filmes a partir dos elementos que os compõem, sendo eles conteúdo, linguagem e técnica. No tocante ao conteúdo, pode-se usar a narrativa para discutir problemas e questões que aparecem no filme utilizando enredo, personagens, ambientações, variações linguísticas (sotaques, regionalismos, jargões) ou abordar particularidades relacionadas à política, ética e ideologia, dentre outras variáveis. Na segunda forma de abordagem, o filme é utilizado para estudo da linguagem (discurso) em que é possível debater a formação do discurso e o que ele deseja transmitir para o público. Por sua vez, na terceira forma de abordagem, tem-se como objetivo estudar as técnicas (ângulos, planos, enquadramento, composição de cena) e as tecnologias desenvolvidas para o mercado cinematográfico (NAPOLITANO, 2010).

Apesar de todos os gêneros cinematográficos serem passíveis de análise e discussão, neste artigo nós nos concentramos nos documentários por serem mais frequentemente utilizados em

sala de aula e por serem, na maioria das vezes, tidos como um registro documental dos fatos.

Nesse sentido, podemos encontrar várias definições sobre o que pode ser caracterizado como documentário. Sacrini (2004, p.8-9), por exemplo, acredita que documentário é “[...] toda forma de registro e mediação da realidade humana nos diferentes suportes e meios considerando a incorporação das diversas formas de linguagem e suas particularidades intrínsecas [...]”. Por sua vez, Penafria (1999) entende documentário como um registro dos fatos, o qual constitui-se também como fonte de informação. Guynn (1990 *apud* EITZEN, 1995) diz que documentário é nada mais do que uma forma de ficção camuflada, afirmação feita tendo por base a ideia de que toda representação da realidade é uma forma de ficção por meio da qual somente uma visão particular e individual dos fatos é exposta.

A relação entre ficção e não ficção é um tema frequente nas discussões quanto à classificação dos gêneros cinematográficos. Autores como Sacrini (2004) afirmam que documentário é um tipo de filme não ficcional. De fato, o nascimento do cinema tem como característica a não ficcionalidade quando eram filmadas cenas do cotidiano. No entanto, no decorrer dos anos surgiram outros gêneros, bem como foram desenvolvidas novas tecnologias, acarretando mudanças tanto técnicas quanto sociais e culturais que influenciaram a forma de conceber os filmes. Assim, o leque de opções para a criação de documentários aumenta consideravelmente, diversificando-se a cada dia.

2.2 O Uso do Documentário nas Disciplinas da Unidade Curricular I

No prefácio do livro Cabeças Bem-feitas, Edgar Morin (2003) contrapõe educação e ensino, conceituando-os a fim de ressaltar suas diferenças. Nesse sentido, Morin define educação e ensino como:

‘Educação’ é uma palavra forte: “Utilização de meios que

permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios” (Robert). O termo ‘formação’, com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. O ‘ensino’, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo (MORIN, 1999, p.10-11).

A educação tem como propósito inculcar no indivíduo o desejo pela busca, suscitando-lhe a responsabilidade pela aquisição e aprimoramento de seus próprios conhecimentos. O ensino, por sua vez, é mais restrito, pois alude à transmissão de conhecimento de forma compreensível e assimilativa. Morin (1999, p.11) admite ainda que, embora a palavra ensino não lhe baste, a “[...] palavra educação comporta um excesso e uma carência [...]”. Por isso, defende o que chamou de ensino educativo, no qual a missão do ensino não é apenas a transmissão do saber, mas a de provocar mudanças na forma como os indivíduos percebem a si mesmos e o mundo.

O uso de documentários em conjunto com a leitura e a discussão de textos em sala de aula vem sendo utilizado há algum tempo por professores e encontra respaldo em pesquisas de vários teóricos que estudam métodos e metodologias inovadoras de ensino.

Segundo afirma Bentes (2008, p.41),

A produção audiovisual, e o documentário em particular, encontra na escola, no ensino médio, nas Universidades e na educação não-formal um lugar privilegiado de renovação do modelo disciplinar dos currículos atuais, trazendo a possibilidade de propostas e experiências inovadoras, novas metodologias, processos e linguagens.

Os documentários, por meio das imagens e dos conteúdos vinculados, proporcionam um novo olhar sobre temáticas apresentadas em sala de aula. Para Almeida (2000), tal forma de ensino pode ser denominada como educação visual, na qual as imagens e sons, língua escrita da realidade, são artefatos de memória representados por imagem em movimento. Conforme Almeida,

O conhecimento visual de inúmeras outras representações já vistas participam da educação cultural, estética e política e da educação da memória. Uma educação visual cuja configuração estética é uma configuração política e cultural e uma forma complexa do viver cultural e social permeado de representações visuais em que percepção - ver as imagens, identificar com anteriores e imaginação - ligar mentalmente uma à outra e ao assunto e, ao mesmo tempo, imaginar os elementos que as constituem, entender as proporções (e as desproporções) e as pessoas e coisas que nelas aparecem para percebê-las como uma história. Estamos dentro de um processo de educação cultural da inteligência visual (ALMEIDA, 2000, p.2).

Essa interpretação vai ao encontro do ponto de vista de José Moran, que defende que o uso de vídeo “[...] desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo” (MORAN, 1995, p.29). Os autores concordam que o filme possibilita a imersão através do olhar, o que estimula a capacidade perceptiva e imaginativa que, juntas, estimulam a capacidade cognitiva no processo de aprendizagem.

No curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, alguns professores fazem uso, nas disciplinas que ministram, de recursos audiovisuais para auxiliar na exposição dos conteúdos. Para realização da presente pesquisa,

recorremos a três disciplinas da unidade curricular I, mais especificamente a Teorias da Informação e da Comunicação; Cultura e Mídia; e, Informação e Sociedade. Estas disciplinas são ministradas no segundo, quarto e quinto semestres, respectivamente. Optamos ainda por trabalhar com tais disciplinas porque os documentários são utilizados com frequência como recurso didático, fazendo parte da metodologia de ensino adotada pelos professores que as ministram.

3 METODOLOGIA

Marconi e Lakatos (2003) explicam que método é um agrupamento de atividades que são realizadas de maneira racional seguindo um método organizado que permite alcançar um resultado.

O método escolhido para esta pesquisa foi o indutivo. Em linhas gerais, tal método diz respeito a “[...] um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.86).

Quanto à abordagem, esta pesquisa é de caráter qualitativo, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Esta abordagem, segundo Minayo (2002), tem como finalidade compreender os significados das ações e relações humanas.

No que diz respeito à natureza, ela visa gerar conhecimentos para uma aplicação prática sendo, portanto, uma pesquisa aplicada. Quanto aos objetivos, entendemos que se trata de uma pesquisa descritiva, pois realiza o levantamento de opiniões acerca de um determinado fenômeno em uma determinada população (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2016 e 2017, sendo os semestres de 2016.2 e 2017.1 reservados para a elaboração do referencial teórico com o propósito de selecionar e discutir autores e teorias sobre o assunto. Assim, foi no semestre 2017.2 que procedemos ao levantamento e a análise de dados.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira consistiu em um pré-teste realizado por meio da aplicação de questionário estruturado contendo seis perguntas, sendo quatro delas abertas e duas fechadas. As perguntas fechadas serviram para caracterizar os dados sobre fatos concretos.

A análise das perguntas abertas foi feita através da técnica de análise de conteúdo, a partir da qual recorremos a Bardin (1977, p.42), especialmente quando a autora a conceitua como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Depois de analisar os dados coletados nos 57 questionários durante o pré-teste, separamos as informações obtidas em categorias e a partir delas elaboramos e aplicamos um segundo questionário contendo seis questões abertas nos mesmos locais e nas mesmas condições que o anterior. Com isto, obtivemos um total de 54 questionários respondidos.

A análise foi realizada de acordo com as etapas estipuladas por Bardin (1977) e englobou três fases, a saber: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na etapa de análise e interpretação dos dados foram utilizadas tabelas para a classificação e ordenação das palavras e frases apresentadas nos questionários pelos respondentes, agrupando-as segundo categorias semânticas e quantificadas em relação à frequência de aparições nas respostas. Em seguida, elaboramos gráficos para demonstrar as ocorrências e explorar traços subjacentes ao conteúdo analisado.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, a pesquisa científica deve

selecionar uma população ou uma amostra da população para realizar os estudos. A seleção da população implica a totalidade de seus indivíduos, enquanto que a amostra leva em consideração apenas uma parcela da população (GIL, 2008). Elegemos, inicialmente, como ambiente da pesquisa, todas as disciplinas que fazem parte da unidade curricular I do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. No entanto, verificamos que do total de disciplinas que compõem esta unidade curricular, três delas utilizam documentários como instrumento de ensino-aprendizagem com maior frequência, sendo este recurso parte de uma metodologia de ensino que envolve discussão em sala e produção textual. Desta forma, nossa amostra foi reduzida ao público de três disciplinas, a saber: Teorias da Informação e da Comunicação; Cultura e Mídia; e, Informação e Sociedade. As demais disciplinas não utilizam este recurso ou o utilizam com menor frequência, razão pela qual decidimos deixá-las de fora depois de ter percebido isto.

4 VISÕES DE PROFESSORES E ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Após analisar e interpretar os dados no pré-teste, dividimos as respostas em categorias para englobar tanto as respostas similares dos alunos, como, também, para individualizá-las de modo a analisar suas especificidades. Segundo Bardin (1977), as categorias servem para introduzir uma ordem no interior da estrutura. Assim, estabelecemos seis categorias que foram utilizadas como parâmetro para a segunda fase da pesquisa, que consistiu em entrevista com os três professores das disciplinas selecionadas e a aplicação de um segundo questionário aos alunos das respectivas disciplinas, contendo perguntas abertas. Deste modo foi possível compararmos a percepção de professores e alunos acerca do uso dos documentários em sala.

As categorias criadas foram: 1) Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma individual; 2) Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma coletiva; 3) O papel do professor como mediador da informação e facilitador no processo de apreensão do conhecimento; 4) Qualidade e adequação dos documentários às disciplinas; 5) O papel do aluno para o sucesso do método; e, 6) Avaliação pessoal acerca do método.

4.1 Apresentação dos Resultados da Segunda Etapa da Pesquisa

Na primeira categoria, intitulada 'Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma individual', questionamos aos professores como eles avaliam a utilização dos documentários na dinamização da apreensão de conhecimentos pelos alunos individualmente. Os três mencionaram que os documentários podem ser associados às experiências individuais dos alunos, sendo uma forma de relacionar os conteúdos abordados em sala a uma experiência concreta, transformando-se numa forma de aplicação da teoria.

Não houve divergências entre as opiniões dos professores. Observamos que os professores utilizam os documentários como uma maneira de aproximar as vivências dos alunos aos conteúdos ministrados. Acerca disso cabe uma reflexão sobre os objetivos da educação mencionados por Edgar Morin (2003) que, tomando de empréstimo as palavras de Durkheim (1890), explica que a finalidade da educação não é transmitir uma grande quantidade de conhecimentos, mas oferecer ao aluno um estado de consciência que o oriente durante a vida. Este 'ensinar a viver' precisa não somente de conhecimentos formais, mas, principalmente, da transformação em nível de consciência, o que pode converter o conhecimento adquirido em sabedoria e sua incorporação à vida. Assim, educação não se trata, pura e simplesmente, de quantidade, e, sim, de qualidade.

Quanto aos alunos, as repostas obtidas foram similares nas três disciplinas. Para eles, os documentários ajudam a entender o conteúdo dos textos. Além disto, relataram que conseguem relacionar os vídeos às suas próprias vivências obtendo exemplos concretos para a aplicação das teorias vistas em sala, possibilitando um melhor entendimento sobre o contexto histórico. Assim, afirmaram acreditar que o uso dos documentários em conjunto com a leitura e discussão dos textos fomenta o desenvolvimento de um senso crítico mais apurado em relação aos conteúdos que lhes são apresentados. Na turma de Cultura e Mídia (CM), os alunos apontaram ainda que os vídeos, além de estimular a criatividade, são lúdicos e auxiliam na absorção do conteúdo, proporcionando uma forma diferente de aprendizado. Na disciplina Informação e Sociedade (IS), os discentes relataram que os filmes ajudam a enxergar os assuntos sob novas perspectivas, mencionando que o assunto passa a ser abordado a partir de uma linguagem acessível, a qual possibilita quebra da rotina formal característica da universidade.

Percebemos nesta categoria, de modo geral, que alunos e professores têm opiniões que convergem sobre o uso de documentários como ferramenta didática. Embora os alunos tenham apontado várias aplicações para o uso dos documentários, as que se sobressaíram estão relacionadas à compreensão do conteúdo, possibilitando tanto um acesso mais fácil às ideias presentes nos textos, como o estabelecimento de relações entre estas e suas experiências pessoais.

Recorrer às experiências dos alunos para ilustrar formas de aplicação das teorias trabalhadas em disciplinas caracterizadas como teóricas se mostra como uma importante estratégia de ensino, uma vez que a prática ajuda na apropriação do conhecimento e auxilia na percepção da relação direta entre os assuntos abordados e a realidade vivenciada no cotidiano. Teorias, assim, adquirem aplicação empírica, tornando-se palpáveis e mais atraentes aos alunos. Morin (2003) afirma

que os livros são experiências de verdade, e essa revelação nos encanta duplamente, pois nos reconhecemos numa verdade alheia à nossa. Podemos estender isto ao cinema, uma vez que ao assistirmos a um filme nos identificamos com situações, acontecimentos, personagens que se assemelham a alguma experiência nossa, sendo, inclusive, um meio para aquisição de novas experiências.

Na segunda categoria, denominada 'Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma coletiva', questionamos aos professores como eles percebem a contribuição dos documentários à apreensão de conhecimentos pelos alunos de forma coletiva. Todos responderam que os filmes estimulam o debate e envolvem a turma em um compartilhamento de experiências e de percepções de elementos que se relacionam aos assuntos abordados nas disciplinas. O professor da disciplina Informação e Sociedade também menciona que os documentários servem como pano de fundo para a sociabilidade e interação dos alunos em sala de aula, assim como para uma maior aproximação entre alunos e professor.

Realizar debates em sala foi a resposta mais utilizada pelos alunos das três disciplinas, que associaram a atividade ao compartilhamento de experiências em grupo e à exposição de diferentes perspectivas observadas nos filmes. Participantes da disciplina Cultura e Mídia alegaram que um dos problemas observados neste método diz respeito aos alunos que não leem os textos ou que não se interessam pela metodologia adotada pelo professor e, em decorrência disto, não interagem durante as discussões em sala. Os respondentes identificaram esse tipo de atitude em alunos que estão acostumados a aulas em formato tradicional e que não estão abertos a novas possibilidades de aprendizado. Já os alunos de Informação e Sociedade relataram que os documentários prendem a atenção da turma, além de sintetizar o assunto da disciplina.

Sobre o uso dos documentários como forma de propiciar o debate em sala,

Duarte (2002) explica que os filmes trazem uma quantidade considerável de conhecimento e informações que não se encerram neles mesmos, sendo uma porta para novas descobertas. A autora ainda defende que a pluralidade e diversidade cultural dos espectadores torna a experiência de partilha mais interessante, isto porque o *background* cultural de cada indivíduo interfere na forma como o documentário será interpretado, sobressaindo-se aqueles aspectos mais familiares ao indivíduo, o que pode ser proveitoso aos professores para, nas palavras da autora, ‘ensinar a ver’.

Os debates realizados em sala constituem um ambiente de troca de experiências, permitindo com que diferentes percepções possam ser apresentadas e discutidas, ampliando o campo de visão dos alunos acerca dos conteúdos dos textos e assuntos da disciplina e também a respeito do outro. Morin (2003, p.51) diz que é através dos livros e da tela que aprendemos “[...] as maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão”. Quando lemos um livro ou assistimos a filmes nos identificamos com personagens e sentimos empatia.

Na terceira categoria ‘O papel do professor como mediador da informação e facilitador no processo de apreensão do conhecimento’, perguntamos aos professores o motivo pelo qual eles elegeram essa metodologia, adotando os documentários como ferramenta didática. Nesta categoria, as respostas apresentaram algumas variações. Isto se deve à forma como os documentários serão utilizados pelo professor e como eles podem ser aproveitados pelos alunos.

O professor da disciplina Teorias da Informação e da Comunicação explicou que adotou essa metodologia para propiciar aos alunos a conquista das categorias, tanto do domínio cognitivo quanto afetivo, da Taxionomia dos Objetivos Educacionais¹, estabelecidos por Benjamin S. Bloom (1956), também conhecida como Taxionomia de Bloom.

Por sua vez, o docente da disciplina Cultura e Mídia destacou que os filmes permitem incentivar o debate por meio de perguntas que remetam os alunos a situações pessoais, possibilitando fazer de modo mais fácil e eficaz associações entre a teoria e as múltiplas realidades a que cada aluno está submetido. Além disto, o professor menciona a possibilidade de receber o *feedback* de como os alunos percebem os vídeos - no momento em que eles estão assistindo - através das reações que eles expressam.

Durante a entrevista, o professor revelou que quando se utiliza de um documentário, o mais importante é que se saiba lançar mão desta ferramenta, tornando-a uma importante aliada no processo ensino-aprendizagem. O entrevistado deixa claro que o docente deve ter plena consciência de seu papel para que o recurso não seja desperdiçado. Sobre isso, Moran (1995) diz que o uso do vídeo não muda a relação pedagógica, quer dizer, os vídeos criam expectativas no aluno e cabe ao professor tirar proveito disto para instigá-los, tendo o cuidado de ligar o vídeo às demais dinâmicas da aula. Os filmes trazem certa liberdade e o professor pode dispor de inúmeras estratégias para adotar o recurso em sala, adaptando-o à metodologia empregada, à dinâmica de aprendizado da turma ou ao conteúdo da disciplina que ministra.

O professor da disciplina Informação e Sociedade admite considerar o uso de filmes e documentários como um recurso didático-pedagógico interessante, pois os alunos podem visualizar os conceitos sendo aplicados, favorecendo a apreensão dos conteúdos e potencializando o aproveitamento da disciplina como um todo.

Sob a ótica dos alunos da disciplina Teorias da Informação e da Comunicação, cabe ao professor orientar aos discentes sobre o conteúdo dos documentários, explicando trechos que não ficaram claros ou quando não foi possível da parte dos discentes tecer relações diretas com os textos. Os respondentes também reconheceram que o professor deve mediar

a construção do conhecimento pelo aluno, apresentando ferramentas e possibilidades que os auxiliem nesta tarefa.

A turma da disciplina Cultura e Mídia apresentou para essa categoria maior diversidade nas respostas, assemelhando-se, no entanto, às respostas obtidas pelos participantes da disciplina Informação e Sociedade. Segundo os respondentes, cabe ao docente mediar o debate em sala, levantando questões que permitam desenvolver uma visão crítica.

Nessa categoria também não encontramos divergências entre professores e alunos. Ambos acreditam que o professor deve mediar a informação, direcionando os alunos ou indicando formas de interpretações para os textos e filmes trabalhados durante as aulas. Como mencionaram os alunos, cabe ao professor estabelecer a metodologia que será trabalhada durante o semestre, podendo até levantar com os alunos sugestões de atividades para serem desenvolvidas, pois devemos ter em mente que cada turma é diferente uma da outra, neste caso, métodos que funcionam em uma turma talvez não sejam tão eficazes em outra, cabendo aqui uma análise.

Dividimos a quarta categoria 'Qualidade e adequação dos documentários às disciplinas', em duas perguntas. Indagamos aos professores quais são os critérios adotados à escolha dos documentários e como é mensurada a quantidade de filmes durante o semestre.

Para a primeira pergunta, todos os professores afirmaram que os vídeos precisam se relacionar ao conteúdo da disciplina. Na opinião do professor da disciplina Teorias da Informação e da Comunicação, a quantidade de filmes em cada semestre depende da quantidade de experiências que o aluno tem para entender determinado texto. Com textos mais densos, que abordam maior quantidade de assuntos, geralmente são utilizados mais filmes.

Segundo o docente, o cinema tem a capacidade de antecipar ou projetar a realidade, e por isso os documentários constituem-se como uma forma de

exemplificação, por meio do qual os alunos podem perceber alguma coisa no momento em que estão assistindo, oferecendo, ainda, subsídios para participar da discussão de modo a apresentar seu ponto de vista. Assim, cada aluno tem a chance de partilhar sua visão sobre determinado aspecto do filme que o outro não percebeu. E a partir da percepção dos alunos, o professor pode acrescentar mais informações e apresentar novas percepções acerca do filme e do texto e do assunto da disciplina como um todo. O filme, neste caso, funciona como uma experiência em comum para todos, incluindo o docente.

No que diz respeito à escolha dos filmes, o docente da disciplina Cultura e Mídia afirmou que verifica a proposta editorial e identifica o contexto da edição. Afirmou também que pede indicações de filmes para os alunos e, após determinar sua relevância para o que está sendo trabalhado em sala, passa para a turma. Quanto à quantidade, ele prefere utilizar apenas um ou dois filmes por semestre, no máximo, embora admita ser possível trabalhar com mais filmes.

Para o professor da disciplina Informação e Sociedade, além de levar em consideração a relação com os textos, também considera a fácil disponibilidade. Ele também verifica se o vídeo apresenta boa qualidade de som e imagem e se é atual, embora afirme utilizar vídeos 'clássicos' quando considera necessário. Já em relação à quantidade, o docente não aponta uma quantidade fixa, por isso o número de filmes é definido de acordo com a necessidade da turma ou da disciplina.

Os alunos da disciplina Teorias da Informação e da Comunicação observaram que muitas vezes o material adotado não tem boa qualidade, apresentando duas legendas o que torna difícil acompanhar o filme ou que as legendas não estão sincronizadas com as imagens, dificultando o entendimento. Além disso, alegam que os filmes são longos e não são encontrados com tanta facilidade, por isso, sugerem que o docente utilize filmes mais atuais, que estejam disponíveis para acesso e, no caso dos filmes longos, pausar as cenas para

discutir ou dividir a exibição em duas aulas. Essas foram também as respostas dos alunos da disciplina Cultura e Mídia, relatando, inclusive, os mesmos problemas.

Na disciplina Informação e Sociedade, os discentes assinalaram que os filmes são adequados à disciplina, são atuais e têm boa qualidade. Houve apenas uma crítica quanto ao tempo de duração dos filmes, considerado como longo por somente um dos respondentes.

Nesta categoria, notamos que alunos e professores têm muitos pontos em comum e apresentam muitos pontos positivos. No entanto, também há a necessidade de alguns ajustes no que se refere à escolha do material a ser utilizado, tendo atenção especial para a qualidade dos filmes e duração, de modo a não comprometer sua exibição. No entanto, precisamos levar em consideração que muitas vezes os professores não dispõem de equipamentos e ambientes adequados para a exibição dos vídeos, como bem disse o professor de Informação e Sociedade durante a entrevista. Em muitos casos, são os próprios professores que levam os equipamentos de casa para que possam trabalhar com filmes em suas disciplinas.

No capítulo V, Cinema na escola, do livro Cinema e Educação, Duarte (2002) já menciona a carência de algumas universidades que não possuem locais e equipamentos adequados à exibição regular de filmes e, embora a situação não seja a mais favorável, a autora apresenta várias formas de uso para os documentários, podendo o professor trabalhá-los sob diversas perspectivas. Segundo a autora, para que a ferramenta seja bem aproveitada, o professor deve assistir previamente ao vídeo a ser exibido para os alunos, verificando as informações que são apresentadas e as relações possíveis de serem estabelecidas. Duarte (2002) sugere também que se elabore um roteiro para seguir durante as discussões com tópicos que o professor deseje colocar em evidência.

Na quinta categoria 'O papel do aluno para o sucesso do método', perguntamos

aos professores se é explicada previamente a maneira como os documentários serão utilizados em sala, deixando o aluno ciente de seu papel para que o método seja eficaz. Todos responderam que sim, que é explicado previamente como os documentários serão usados em sala. O professor de Teorias da Informação e da Comunicação disse que utiliza nesta disciplina a mesma metodologia empregada numa outra disciplina ministrada por ele para o primeiro semestre do mesmo curso. E enfatiza que o método não é somente explicitado, como também existe um manual com a finalidade de explicar os usos dos documentários, as formas de avaliação que serão realizadas ao longo do semestre e o papel do aluno nessa metodologia.

O docente de Cultura e Mídia disse que já utilizou os documentários de diversas formas. Algumas vezes apresenta primeiro o documentário e depois o texto; em outras, apresenta primeiro o texto e em seguida o documentário, obtendo resultados positivos em ambas. No entanto, o docente observa a ocorrência de um fenômeno interessante. Segundo ele, as maiores e melhores surpresas ocorrem após o término da disciplina, quando os alunos cometam com ele sobre a relação entre vídeos e textos vistos na disciplina Cultura e Mídia com os de outras disciplinas.

Em Informação e Sociedade, o professor afirma que, além de explicar o funcionamento da disciplina, também pede indicações de filmes aos alunos e os consulta sobre o interesse em assistir um ou outro filme. Ele defende que apesar do documentário ser um recurso didático-pedagógico, seu uso não deve ser utilitarista, pois o filme serve para pensar e isso requer liberdade tanto dos alunos quanto do professor.

Perguntamos aos estudantes qual é o papel do aluno para que o uso dos documentários apresente resultados satisfatórios. Os alunos de Teorias da Informação e da Comunicação responderam que cabe a eles prestar atenção aos filmes e relacioná-los com os textos e com as experiências pessoais, fazendo anotações. Indicaram também que se deve entender a

forma como o documentário foi criado e o ponto de vista que ele apresenta sobre determinado assunto. Os alunos da disciplina Cultura e Mídia apresentaram as mesmas respostas com o acréscimo de que os alunos devem participar dos debates e expor suas opiniões, pois essa partilha é enriquecedora. Já os discentes de Informação e Sociedade, além das respostas já mencionadas, acrescentaram que cabe a eles assistir e analisar os filmes criticamente, tentar captar os aspectos apresentados nos filmes com abertura às novas formas de aprendizagem.

Nesta categoria, percebemos que a educação é uma via de mão dupla, em que o compromisso com a aprendizagem e aquisição do conhecimento tanto diz respeito ao papel do professor como mediador, orientador, organizador dos conteúdos e informações (BENTES, 2008), quanto ao aluno, responsável por transformar informação em conhecimento que deve ser aplicado na vida prática e cotidiana, para isso os discentes devem ser capazes de contextualizar e englobar a informação (MORIN, 2003).

Utilizamos a sexta categoria 'Avaliação pessoal acerca do método', para identificar dentro das falas dos professores e dos alunos aspectos positivos e negativos para o uso dos documentários como ferramenta didática no processo ensino-aprendizagem.

O professor de Cultura e Mídia relatou que o uso de documentários associados a textos e ao debate não se limita ao contexto de sala de aula e que percebe os alunos debatendo sobre eles nos corredores, inclusive alunos mais tímidos que não participam das discussões em sala já o abordaram para comentar algo ou tirar alguma dúvida. Ele diz que isto ocorre com mais frequência quando os alunos já estão mais tranquilos, porque já terminou o semestre, já foram aprovados, conquistaram os créditos necessários e o professor não é mais visto como algoz, então, os alunos dizem "[...] ah! Eu adorava as suas aulas, os seminários, as aulas de vídeo e tal". Ele diz que isso é muito bom.

Como desvantagem, percebemos que o professor enfatiza a dificuldade de encontrar os filmes. Ele afirma que isso é reflexo do grande volume de dados e pelo fato de os filmes não serem bem indexados de maneira a proporcionar sua recuperação de forma rápida e eficaz. Outro fator negativo que identificamos se deve à utilização de documentários em trabalhos escritos. Segundo este professor, mesmo que seja explicado e enfatizado o uso dos documentários em sala, se o professor não disser explicitamente quando solicita um trabalho escrito que o texto deve ser relacionado ao documentário exibido, há alunos que, mesmo assim, não entendem e escrevem sem focar nas suas percepções, esquecendo também das relações com o conteúdo abordado. Ele enfatiza que os documentários não são meras ilustrações ou apenas um momento lúdico da aula, eles são ferramentas de aprendizagem e que relacionar o filme aos trabalhos escritos faz parte deste processo.

Não foram identificadas desvantagens na fala do professor de Teorias da Informação e da Comunicação. Quanto às vantagens, o professor fala que, durante a assistência dos filmes, os alunos percebem coisas diferentes. Eles percebem a relatividade da realidade e isto é algo muito bom para a disciplina, porque eles percebem "[...] que a realidade, ela não é dada a priori, nem é algo fechado, consolidado e absoluto". Isto dá margem a várias discussões e vai sedimentando o conhecimento.

Para o professor da disciplina Informação e Sociedade, as desvantagens dizem respeito à estrutura disponibilizada para a exibição dos filmes que, às vezes, compromete a qualidade de som e imagem. Quanto às vantagens, ele diz que, além de servir como ferramenta para a aprendizagem, os filmes também servem para quebrar a monotonia e sair da rotina formal da sala de aula.

Sob o ponto de vista dos alunos da disciplina Teorias da Informação e da Comunicação, o uso dos documentários tem como vantagem propiciar uma forma mais independente de aprender. Uma parcela

dos respondentes disse que os filmes deixam as aulas mais dinâmicas, prendem a atenção e apresentam várias perspectivas para os assuntos vistos em sala. Enquanto outros apontaram como desvantagens, a duração dos filmes que, geralmente são longos, o que torna as aulas cansativas e monótonas, além disto, alguns filmes têm uma linguagem difícil de entender.

Na opinião da turma de Cultura e Mídia, os documentários diversificam as aulas, entretendo e deixando-as dinâmicas, além de complementar o conteúdo visto em sala. Já como desvantagens, alguns respondentes alegaram que os filmes são cansativos e monótonos e que muitos alunos não participam dos debates.

Dentre as vantagens apontadas pelos alunos da turma de Informação e Sociedade como contribuição dos documentários à assimilação do conteúdo, está a quebra da rotina como estímulo à criatividade e leitura dos textos, tornando as aulas mais interessantes. Como desvantagem apontada está o cansaço decorrente da rotina de aulas e trabalhos característica da universidade, sobretudo pelo acúmulo de atividades resultado das várias disciplinas que os alunos têm que cursar num mesmo semestre letivo.

A partir da análise e interpretação das entrevistas com os professores, assim como tomando como base também as respostas apresentadas pelos alunos, compreendemos que os documentários representam um recurso que pode trazer muitos benefícios ao processo ensino-aprendizagem, contudo, para que produza os efeitos desejados, professores e alunos precisam estar cientes de seus papéis em sala de aula. É claro que toda metodologia apresenta vantagens e desvantagens, principalmente quando se trabalha com turmas heterogêneas e se busca respeitar as experiências pessoais dos alunos, como foi o caso das disciplinas que fizeram parte desta pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Percebemos que o cinema se relaciona a muitos aspectos sociais e culturais e quando adotado no âmbito

educacional, como ferramenta didática, é capaz de apresentar bons resultados. Através desta pesquisa, percebemos que são necessários alguns ajustes ou mudanças dependendo da turma ou do semestre, mas nada que interfira de forma substancial nos resultados que o método apresenta.

A partir das entrevistas com os professores e dos dados coletados nos questionários dos alunos, notamos que os filmes se constituem em uma boa maneira para estabelecer o debate, levando os alunos a apresentarem seus pontos de vistas e discutirem sobre eles. Auxiliam na compreensão dos conteúdos das disciplinas, despertando, também, a sensibilidade e o respeito ao outro ao promover debates e sociabilidades. Perceber, sob a ótica do outro, como a realidade se apresenta possibilita a aproximação e melhor convivência.

Constatamos por meio desta pesquisa que o cinema, em geral, e os documentários, em particular, podem e devem ser utilizados como ferramenta no processo ensino-aprendizagem. Professores e alunos identificaram para o uso de documentários em sala muitos fatores positivos, estando o ponto de vista de ambos alinhados.

Acreditamos que a pesquisa realizada poderá ser utilizada para melhorar a metodologia aplicada tanto nas disciplinas analisadas, como em outras disciplinas que adotam o mesmo método, dando margem para pesquisas similares no campo educacional, especialmente em áreas relacionadas ao ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. A educação visual na televisão vista como educação cultural, política e estética. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas (SP), v.1, n.4, p.1-6, out. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/567/582>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARAÚJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTES, Ivana. O audiovisual e o documentário na cena contemporânea. **Debate: Cinema Documentário e Educação**, v.23, n.11, jun. 2008.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BLOOM, B. S. *et al.* **Taxonomy of educational objectives**. New York: David McKay, 1956.

CÁNEPA, Laura Loguercio. Expressionismo alemão. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas (SP): Papyrus, 2006.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas (SP): Papyrus, 2006.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EITZEN, Dirk. When is a Documentary? Documentary as a mode of reception. **Cinema Journal**, v.35, n.1, p.81-102, Autumn 1995. Disponível em: <http://www.columbia.edu/itc/film/gaines/documentary_tradition/Eitzen.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

FREITAS, Enio de. **História e cinema: encontro de conhecimento na sala de aula**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v.2, p.27-35, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectiva de desenvolvimento para o documentarismo** (1999). [s.n.t]. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

SACRINI, Marcelo. Perspectivas do gênero documentário pela apropriação de elementos de linguagem da TV digital interativa. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas (SP), v.5, n.2, p.7-22, jun. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/758/773>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

NOTAS

¹ Tal método leva em consideração as seguintes fases cognitivas: conhecimento, aplicação, análise, síntese e avaliação. A aquisição destas categorias segue uma sequência, sendo realizada de forma cumulativa. Isto significa que a fase de aplicação somente será adquirida após aquisição da fase conhecimento e assim por diante. Sugerimos, para mais informação, a leitura do livro de Benjamin S. Bloom (1956), denominado *Taxonomy of educational objectives*.

Djane Fernandes Batista
Universidade Federal do Ceará (UFC)
E-Mail: d.janny.fr@gmail.com
Brasil

Jefferson Veras Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Departamento de Ciências da Informação
E-Mail: jefferson.veras@yahoo.com.br
Brasil